



HUGUIANAS

DEPOIMENTOS, MEMÓRIAS,
HUGO RODAS.

Valéria Cabral

Produtora e gerente cultural.

Iara Pietricovsky

Antropóloga, Mestre em Ciência Política, ativista e atriz.

RESUMO

Companheiras de longa data de Hugo Rodas, Valéria Cabral e Iara Pietricovsky trazem lembranças de sua convivência com o querido amigo, na celebração de seus 80 anos.

Palavras-chave: Hugo Rodas. Memória. Celebração.

ABSTRACT

Longtime companions of Hugo Rodas, Valéria Cabral and Iara Pietricovsky bring back memories of their acquaintance with their dear friend, in celebration of their 80 years.

Keywords: Hugo Rodas. Memory. Celebration.

1. AO HUGO COM CARINHO

Era um momento especial pra mim. Tinha 19 para 20 anos e estava de férias em Salvador, na “minha” praia do Porto. De repente, surge na areia um povo bonito, alegre e falante. Em pouco tempo éramos amigos de infância. Assim conheci Hugo Rodas. Encenavam, no Festival de Dança da Bahia, o **Trabalho nº 2**; era 1973. Nos anos que se seguiram, me juntei à trupe e fiz iluminação para muitos trabalhos dirigidos por ele, a quem chamo carinhosamente de Gringo.

Trabalho nº 2, Trabalho nº 3, Arroz com Feijão, Os Pitutinhos, O Noviço, Besame mucho, Salvador, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Itabira, Ouro Preto, Brasília, Sala Martins Pena, 508 Sul, Escola Parque, Torre de TV, Parque da Cidade, muitas “funções”, muitas histórias, risadas, tristezas, alegrias, sucessos compartilhados e segundas-feiras no Beirute, massas e quitutes!

Certa vez, estávamos nos apresentando no Teatro do BNH, no Rio. O palco ficava há quilômetros da cabine de luz. A primeira cena do espetáculo era um solo do Hugo com a Taninha Botelho. A luz tinha um “sol” laranja fixo. No final do espetáculo usava o canhão com um foco branco que acompanhava o Hugo no palco. Ligo o canhão e o fusível queima. Imediatamente acendo o sol laranja para eles não ficarem no escuro. No instante seguinte, ele para a função e do palco grita: “Baléria non teníamos un foco blanco ahora?” Queimou o fusível do canhão, respondo ao mesmo tempo que apago o foco. Vai falar no escuro? Risadinha dele, reacendo o foco e o espetáculo segue. Até hoje quem assistiu deve pensar que fazia parte do show!

Hugo é assim como um irmão, um amigo, um companheiro de vida; brigamos e nos entendemos como num “matrimônio”! Nos falamos todos os dias, comentamos fatos, combinamos compromissos e muitas vezes por ano assistimos jogos de tênis. Se tem Olimpíadas ou Copa do Mundo, torcemos juntos pelo Brasil ou pelo Uruguai.

Sou da família. Viajo ao Uruguai, passamos Reveillon em Juan la Caze, onde ele nasceu, veraneamos em Aguas Dulces, passeamos em Cabo Polônio e quando vem a família, nos juntamos para festejar a vida.

Valéria Cabral

Brasília, 9 de agosto de 2019.

2. HUGO RODAS – SOBRE MEMÓRIA, HISTÓRIA E SENTIMENTO

Hugo chegou no Brasil em 1974. Em Brasília, em 1975. Nosso primeiro encontro foi na casa de Delphy Vasnough, coreógrafa e bailarina argentina, que à época era casada com um diplomata da Embaixada dos EUA. Ela recebia para jantar o grupo de dança norte-americano de Alwin Nikolais, com o qual trabalhou. Alwin foi um importante coreógrafo que misturava movimentos e efeitos técnicos de forma muito inovadora, rompendo certos cânones da dança moderna para aquele momento.

Em Brasília, Delphy foi se integrando ao cenário artístico, em especial o teatro. Em grande parte, jovens que tinham passado pela formação de uma brilhante educadora, Laís Aderne. Surge então o grupo **Mientras** (Por enquanto). Sua grande casa, de estilo minimalista, era nosso local de ensaio.

Nos intervalos, preparávamos em conjunto nosso almoço. Entrávamos em contato com uma nova onda mundial, as técnicas para tomada de consciência do corpo e movimento, chamada expressão corporal. Em paralelo, aprendíamos a convivência coletiva. Trabalhar e criar juntos. Viver o grupo. Eu tinha 21 anos.

Pois bem, naquela noite, durante o jantar, adentra ao ambiente um homem vigoroso, lindo, tipo italiano, um bailarino super histriônico e charmoso que capturou a atenção de todos e todas. Nós, jovens atores e atrizes brasileiros em questão, nos apaixonamos por ele. Era Hugo Rodas. Ele tinha então, 34 anos. A partir dali nossas vidas nunca mais se separaram.

Ele vinha de uma trajetória de teatro no Uruguai onde atuou no **Gran Circular** e depois, o encontro com a bailarina e coreógrafa Graciela Figueiroa, os levou para o Chile de Salvador Allende. O golpe militar de Estado, no Chile, em setembro 1973, os obrigou a migrarem mais uma vez, desta vez, e para nossa sorte, ao Brasil. Graciela se fixa no Rio de Janeiro e dirige uma das companhias de dança mais importantes da época, o grupo **Coringa**. Hugo vem para Brasília para construir uma das trajetórias mais férteis do teatro brasileiro.

Na América Latina vivíamos a era das ditaduras militares. O terror dos sistemas totalitários, censura, aprisionamentos, medo, e toda sorte de impedimentos de livre expressão e organização. Governos autoritários que promoveram uma despolitização e alienamento grande parte da sociedade. Outra parte do país fazia a resistência de múltiplas formas.

Como uma contradição, num ambiente de proibição e autoritarismo, aquela pequena experiência coletiva com Delphy foi ampliada com a presença e liderança de Hugo Rodas. Era nossa maneira de fazer política e crítica e porque não dizer, de transformar a realidade. Foi, sem sombra de dúvida, um período fértil e criativo de lutar contra o regime de exceção do momento. Por meio de nossos corpos exercitávamos nossa liberdade, já que falar era proibido. Hugo nos ensinava viver com uma ousadia libertadora.

Nosso cotidiano consistia em fazer aulas de dança ministradas por Hugo, na sede social do Clube do Congresso, perto da w3 Sul (hoje não existe mais) e os ensaios de teatro, daquilo que viria a ser o Grupo Pitu e muitos outros. Nos intervalos do trabalho e estudo, nosso ponto de encontro era o apartamento da SQS 307. Uma espécie de república onde circulava uma rede de amigos fazedores de arte. Ali relações e amores nasceram e morreram. Casamentos, famílias, pessoas que se mesclaram e se cruzaram.

Ali nos embriagávamos de novos espetáculos, de músicas recém compostas, das tragédias ou alegrias da vida, livros, dissertações da academia entre outras que enriqueciam nossos dias. Ali a gente pulsava, se apaixonava, sonhava. Hugo sempre foi um catalizador de gente, ideias e emoções e aquele sexto andar, daquela superquadra sul, em frente a igreja, era nosso quartel general.

A ditadura militar seguia seu rumo, com Ernesto Geisel (1974-1979) no comando. Assumiu a presidência exatamente no ano que Hugo Rodas vem para

o Brasil, momento em que começa uma certa abertura política, logo após o chamado **Anos de Chumbo** com Garrastazu Médici (1969-1974).

Atravessando a ditadura, Hugo realizou centenas de espetáculos. Desde **Trabalho Nº1** até a corajosa remontagem de **Saltimbancos** de 2019 (outras vi-
rão), 42 anos depois da primeira, em 1977, onde nós, jovens atores e atrizes
desta família semeada no começo dos anos 70, celebrávamos um dos maiores
sucessos de público da história do teatro brasileiro. Todos juntos éramos
fortes, cantávamos Chico, Caetano, Gilbert Gil, Djavan e Legião Urbana.
Dançávamos freneticamente, **Isn't She Lovely** (Stevie Wonder) e **Satisfaction**
(Rolling Stones) dentro e fora do palco.

A remontagem de hoje é corajosa não só pelo desafio de uma nova mon-
tagem, mas pelo momento político e histórico do país que volta a viver um
protofascismo, num contexto, acredito eu, mais difícil do que aquele vivido
durante a ditadura militar. E Hugo segue seu rumo como um ser político, de-
sobediente civil e transgressor.

Dos Grupos Pitu, Pitutinhos, Teatro Repertório TBC (os originais "fodidos
privilegiados" como se referia Antônio Abujamra em 1983, em São Paulo, onde
estivemos trabalhando juntos), Cia dos Sonhos, TUCAN, à Agrupação Teatral
Amacaca (ATA) Hugo mantém coerentemente sua maneira de embaralhar o
trabalho e a vida privada como uma coisa só. O grupo elegido como condição
para construir a "família" e com ela a criação estética, o político, o ato cultural,
desafiando sempre a carece dos costumes e das mentes enrijecidas. Hugo
Rodas, um homem, diretor, artista, fazedor de história.

E ele é assim até hoje, 80 anos, capturando as atenções onde quer que vá,
com doçura ou agressividade, dependendo do ambiente em que estiver no
momento. Com a liberdade de quem já tem tempo de vida suficiente para sa-
ber que a vida é um frenesi, um instante, uma faísca, por isso urge continuar,
cotidianamente, o árduo exercício de sua profissão, o teatro. Hugo Rodas é
um fazedor de sonhos.

Iara Pietricovsky